

de theologia da Universidade: Dom Domingos Martins, conego de Santa Cruz.



ernão Martins de Bulhão,

o nosso futuro

Santo Antonio:

—Vicente Martins de Bulhão;
—Feliciano Martins Taveira;
—Maria Martins Taveira, freira, que morreu tambem com ares de santidade, em 18 de fevereiro de 1240.

Mas é claro que o Vicente da inscripção não é nem o primeiro nem o segundo. É, porém, da familia, neto de um ou bisneto do outro, segundo Monterroyo.

Teve duas irmãs Vicente Domingues, que casaram fidalgamente: uma, Dona Sancha Martins Bulhão, com Dom Soeiro Fernandes Alam, que viveu no tempo de Dom Afonso III e Dom Diniz, e com o qual se orgulham os Soares de Albergaria; a outra, Dona Dordia, que foi mulher de Pedro Martins Botelho, de Riba de Vizella, e depois de Reymondo, — como quem diz Raymundo, — de Portocarrero.

Mas nenhuma d'estas senhoras parece ter-nos dado a Ignez da inscripção, cuja paternidade modestamente se escondeu na prosapia do tio, especie de conservador ou agente official dos negocios das colonias estrangeiras em Lisboa.

Uma Ignez se encontra, proximamente, na familia; mas é Ignez Dias Bulhão, procedente da geração da Dona Dordia, e que Dona Leonor Telles, a rainha bigama, considerava sua parente.

Temos, pois, de nos contentar com o facto do tio nos authenticar a antiguidade da inscripção, que obsequiosamente nos forneceu o estudioso e dedicado secretario da *Arte Portuguesa*, sr. D. José Pessanha.

(Continúa)

LUCIANO CORDEIRO.

ARTE PORTUGUEZA EM 1894

(Concluido de pag. 54)

II

A Exposição do Gremio Artístico

JOÃO Vaz — e com este me despeço, por agora, dos pintores — é um polygrapho tambem — como quasi todos os nossos. D'elle se pode dizer que tem um pé no mar e o outro em terra, e por isso não se afasta da costa. As suas scenas maritimas vêem-se da praia. As suas ondas não são as do oceano encapellado e furioso; não são as ondas tragicas que arrebataem e sepultam no seu seio as naus e os navegadores: as suas marinhas não são capitulos de sanguinolentas epopéas — são idyllios em aguas remansadas, illuminados por um sol sem nuvens, batendo de chapa sobre a superficie transparente e prateada

do salso argento, como diria um arcade. São deliciosos, de uma alegria serena, alguns d'esses idyllios. E não é necessario ver os quadros para lhes comprehender a indole: basta ler-lhes os titulos — as *Gaiotas*, *Barcos da minha terra*, o *Concerto da rêde*, *Tranquillidade* e as *Bateiras*. Poderia elle ser o pintor da nossa epopéa maritima? Talvez, mas para isso teria de se preparar com estudos historicos, e visitar a Africa e a India, e haver quem o encarregasse d'essa empreza... Onde está tudo isso, que entre nós é ideal? Contentemo-nos, pois, com o que elle nos dá, e não lhe tracemos ambiciosos programmas, difficeis, se não impossiveis, de realisar. Tudo tem o seu logar e o seu valor; e, depois do entusiasmo homerico dos *Lusiadas*, o espirito descansa com deleite nas amenidades ternas e suaves de um idyllio de Theocrito ou de Rodrigues Lobo.

A aguarella é uma especialidade cultivada, com altas aspirações e grande exito, em Inglaterra, em Hespanha, na França e em Italia. São celebres e têm reputação européa as obras assignadas pelos nomes illustres de Cattermole, Leloir, Fortuny, etc.

Entre os nossos pintores, Lupi, quando veiu de Roma, trouxe uma formosa colleção, e depois ainda aqui a augmentou com algumas, que não desdiziam em nada das suas romanas. Tinham o vigor e a belleza de tom da pintura a oleo. Em Inglaterra — onde a aguarella é uma arte, por assim dizer, nacional — ha *virtuosos* de um valor extraordinario, e, como é natural, os seus *processos*, tendo em vista lutar e rivalisar com a pintura, tornaram a sua arte um pouco complicada e difficil, pela variedade dos meios empregados para conseguirem o seu fim.

Data de poucos annos a appareição, nas nossas exposições, das primeiras tentativas sérias n'este genero. Deve-se ao sr. Henrique Casanova a iniciativa da primeira escola de aguarella em Portugal. O sr. Conde de Almedina tambem em tempo — ha muitos annos — convidou para o seu *atelier* — proximo da Praça do Principe Real — os artistas que cultivavam a aguarella; mas não era uma escola, era apenas uma reunião de amadores, que não teve nem duração, nem influencia. Hoje, ao lado de Casanova e dos seus discipulos, figuram artistas de profissão, filhos da Escola de Bellas Artes de Lisboa, e as obras de uns e outros já constituem uma secção muito interessante nas nossas exposições de arte moderna; e quando dizemos interessante, não é pelo numero de trabalhos expostos, é pelo seu valor.

Os srs. Alfredo Gameiro e Nicolau Bigaglia — artista italiano, e professor da escola industrial *Afonso Domingues* — são os que mais se distinguem n'esta Exposição. O sr. Bigaglia expõe uma bella vista interior do *Claustro dos Jeronymos*, que, se não é absolutamente perfeita, é, todavia, um trabalho de subido merecimento.

São de Alfredo Gameiro o retrato de uma senhora, algumas paizagens e dois estudos. Destacam-se — como superiores — o retrato de M.^{lle} Maria Gomes, e o estudo que tem por titulo — *Um frade*. Estas aguarellas, e as que posteriormente temos visto do mesmo auctor, pela correcção do desenho, e pela frescura, harmonia e verdade do tom, collocam este artista no primeiro logar, entre os portuguezes que actualmente cultivam esta especialidade, que não admite arrependimentos, e cujas difficuldades têm de ser vencidas á primeira investida, de chofre. E n'isto se parece ella com a pintura a fresco.

Menos numerosa ainda é a secção dos pastellistas; mas a arte de Latour já tem cultores entre nós, o que é um bom symptoma. Aqui figuram Antonio Ramalho com um retrato do pintor Ezequiel, José Malhóa e as suas disci-

pulas. Compõe-se quasi exclusivamente de retratos esta pequenina secção. Notaveis pelo vigor do colorido, têm todos, na sua execução, um ar de familia, que manifesta, da parte dos discipulos, um espirito de imitação, que ha de naturalmente desaparecer com o tempo e o estudo, pondo em evidencia a individualidade do artista.

Dos desenhos, pouco diremos. Recordamo-nos da *Italiana*, de Ernesto Condeixa, do *Pas de quatre*, do sr. Conde de Almedina, e das caricaturas de Celso Herminio, algumas das quaes são felizes.

Luciano Lallemand expoz só uma gravura—um lindissimo retrato de Sua Alteza o Principe Real. Uma só, e pequena, mas vale por muitas—é um primor. Entre os trabalhos do sr. Manuel Diogo Netto, sobresaes o bello retrato—já publicado no *Occidente*—do nosso amigo e eminente poeta Bulhão Pato. Reprodução magnifica da esplendida photographia do distincto amator, o sr. Julio Guerra, este primoroso retrato mais uma vez confirma a reputação do notavel gravador.

A historia da esculptura em Portugal não enche volumes, mas são dignos de figurar n'ella alguns artistas contemporaneos. Não lhes sorri o presente, e não lhes podemos vaticinar para breve um futuro prospero; mas, por isso mesmo, ainda são mais para louvar os que, entrando na carreira, não desanimam, e proseguem.

Desappareceu de entre os vivos um dos maiores—Soares dos Reis; mas restam alguns dos que o acompanharam na senda da arte, e surgem outros, cujas primicias são promettedoras. Entre estes, contamos o sr. Antonio Teixeira Lopes, discipulo—creio eu—da Escola de Bellas Artes do Porto, e actualmente do escultor francez Cavalier. Os seus esbocetos e os seus bustos, em marmore e em bronze, honram o mestre e o discipulo.

É tambem pela aprimorada execução que se distingue a estatua em marmore de Carrara—*a Superstição*—devida ao cinzel do eminente professor Simões de Almeida. Os que o conhecem, sabem quanto elle respeita a sua arte, e reconhecem a seriedade dos seus trabalhos, a correccção do seu desenho, e a bella composição das suas figuras. Não daremos a esta a primazia sobre todas as suas obras—é difficil representar uma idéa complexa, como a d'este sentimento, que se pode manifestar de tantas fôrmas—mas, pondo de parte o titulo, a estatua é um bello estudo de mulher, que revela a sciencia, a mestria, do seu auctor—um artista consummado.

Em arte applicada, vimos um tecto Luiz XV, do distincto decorador Pereira junior; as pinturas ceramicas da sr.^a D. Angelica Loureiro e da sr.^a D. Herminia de Araujo; um biombo da sr.^a D. Maria Portocarrero da Camara, outro do sr. Alberto Benarus, e um baixo-relevo em prata *repousée*—*a Mater purissima*—uma bella copia de outra do grande escultor florentino Donatello, executada pelo sr. Cristofanetti, professor de uma das escolas industriaes de Lisboa.

Uma exposição annual, como esta do *Gremio Artístico*, é evidente que não pôde ser rica de esculpturas, e quem o estranhar é nescio ou de má fé; mas a pobreza da secção da arte applicada mostra que entre nós ainda não se comprehendeu a vantagem—para os artistas, e para os industriaes que os empregam—da exposição das suas obras, ou dos modelos dos seus artefactos. As salas da Academia, cedidas pelo Estado, são pequenas para tal fim? Feliz se reputaria a Direcção do *Gremio*, se tivesse de lutar com essa difficuldade, pela affluencia de expositores. Mas não, não corremos por ora esse perigo. Os industriaes, donos de officina, convidam os fieis para visitarem a sua casa por

intermedio dos jornaes, não se lembrando de que esse systema de culto de capellinha, podendo lisonjear-lhes o amor proprio com os cumprimentos banaes dos seus amigos e freguezes, torna impossiveis as grandes vistas do conjunto das obras, que, approximadas, se poderiam comparar entre si; resultando d'este confronto a critica, e d'esta a emulação, para os que são susceptiveis d'este nobre sentimento, a que as artes devem algumas das suas mais celebradas maravilhas.

Na imprensa, e ultimamente nas sessões da Direcção do *Gremio Artístico*, tem-se discutido a idéa de uma exposição de arte applicada, de arte industrial moderna. Conhecemos todas as difficuldades d'esta empreza n'uma terra em que a iniciativa particular é limitadissima, onde os appellos, por mais calorosos que sejam, raro são ouvidos, e onde é impossivel realizar qualquer plano, sem a intervenção directa ou indirecta dos altos poderes do Estado, do que são exemplo aqui de casa—como se diz—estas exposições de arte, que, desde as da *Sociedade Promotora* até ás actuaes do nosso *Gremio*, se têm feito nas salas da Academia, cedidas pelo governo aos artistas expositores, ou em casas particulares, como as do *Grupo do Leão*, que receberam a hospitalidade na Avenida (no deposito das faianças de Raphael Bordallo Pinheiro) no salão da *Sociedade de Geographia*, e nas salas do *Commercio de Portugal*. Mas, por ser difficil, não se deve concluir que é impossivel.

Quando se fallou pela primeira vez n'uma exposição de arte ornamental, não faltaram os apathicos e os pessimistas, a prognosticar um *fiasco* monumental, que seria mais uma vergonha para o paiz, etc.

O resultado, porém, foi tal, que assombrou os proprios iniciadores da idéa, os que maior confiança n'ella depositavam!

Ponhamos, pois, mãos á obra, e trabalhemos. Estas exposições annuaes de pintura e de esculptura, quantos, ha annos, as julgariam impossiveis? Hoje, entraram nos nossos costumes, e são já como uma especie de festas, consagradas e registadas no calendario da nossa civilização.

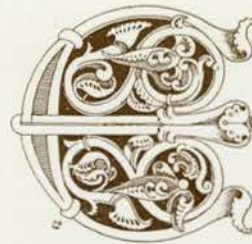
21 de maio de 1895.

ZACHARIAS D'AÇA.

A QUINTA EXPOSIÇÃO

DO

GREMIO ARTISTICO



ESTAS linhas só serão lidas depois de encerrada a exposição de arte que as motiva.

As minhas notas não terão por isso o caracter de uma apreciação minuciosa das diversas obras de que ella se compõe. Não as disporei tambem por fôrma a constituirem uma serie de perfis dos artistas que hãjam assignalado, mais forte e inconfundivelmente, a sua individualidade, porque esta quinta exposição do *Gremio* não é decerto,—por ausencia ou desvalia de documentos,—a mais propria para nos dar a justa medida do valor dos nossos homens de arte.

Limitar-me-hei, portanto, a consignar, muito simples e despreocupaadamente, as considerações geraes que ella me suscitou,—a tirar, por assim dizer, a moralidade do caso.

Quem comparar a nossa arte de hoje, não direi, com a d'aquella celebre exposição de 1843, a que ha referencias, entre animadoras e ironicas, nos livros de Raczyński (leilões recentes têm trazido a

lume algumas obras d'esses tempos), mas, com a maioria dos trabalhos que figuravam nas exposições portuguezas de ha quinze annos, reconhece logo que se tem progredido bastante sob o ponto de vista da *factura*, dos processos technicos.

É effectivamente innegavel que, por exemplo, se desenha e pinta melhor. E note-se que o progresso não é evidente unicamente nos artistas que foram completar a sua educação no estrangeiro, mas tambem n'aquelles que não puderam até agora sahir do paiz, ou que poucos dias estiveram lá fóra.

Este facto, bem como a segurança e rapidez com que os nossos pensionistas avançam geralmente em Paris, prova que o ensino artistico entre nós, se tem por enquanto imperfeições e lacunas, todavia não é tão deficiente e improductivo que se deva dar por mal empregado o dinheiro que nos custa, como se tem já dito e escripto, leviana ou apaixonadamente.

Ha quem pense que os progressos technicos não constituem motivo para nos felicitar, e que a parte pratica é bem secundaria, a ponto de nem sempre os grandes artistas serem irreprehensíveis no tocante ao *officio*. A verdade, porém, — se me não engano muito, — é que, em todas as fórmulas da arte, o conhecimento pleno dos meios de execução é essencial para o artista se fazer entender, para nos commover como elle se commoveu, para nos interessar pela revelação clara do estado da sua alma perante os aspectos da natureza ou perante os phenomenos do mundo moral, para nos dar a perceber os mais delicados e subtis cambiantes da sua emoção.

Mas, por outra parte, é necessario que o artista não sacrifique já-mais o sentimento á forma, não se preocupe exclusivamente com a perfeição technica, não procure apenas mostrar que sabe vencer todas as difficuldades do *officio*; porque, — não o esqueçam os artistas, — verdadeira obra de arte, pura, dominadora, eterna, só será a que fór sentida e vivida.

Portanto, certo, como estou, de que os nossos pintores querem ser alguma cousa mais do que simples copistas habéis da natureza; de que não substituirão ao sentimento a habilidade, e de que não farão da sua pericia, em muitos casos notavel, um fim mas um meio, — registado com satisfação os consideraveis progressos technicos evidenciados nos seus ultimos trabalhos.

O que sempre se nota nas exposições portuguezas, — e esta não faz excepção, nem era de esperar que fizesse, — é a falta de composições de certa importancia. Paizagens, marinhas, quadros de flores, reproduções de velhos edificios pittorescos, algumas cabeças de estudo, um ou outro retrato, — eis o que sempre constitue os nossos concursos de pintura.

O facto não é difficil de explicar, e já aqui me precedeu na enunciação das suas determinantes, um escriptor que desde muito vem seguindo com interesse o nosso movimento artistico. Mas, se não pôde razoavelmente exigir-se que nas exposições de Lisboa e Porto figurem sempre obras d'essas que demandam tempo, despeza e preparação intellectual acima d'aquelles de que os nossos artistas podem de ordinario dispôr, — quer-me parecer que não será impertinencia pedir-lhes que variem um tanto a gamma dos seus assumptos, interpretando alguns trechos bem suggestivos e typicos da nossa paizagem, deante dos quaes ainda nenhum pintor se lembrou de armar o cavallette; — fazendo-nos aperceber alguma cousa do genio e do viver das populações contemplativas da beira-mar, assim como da nossa vida rural, tão diversa segundo o caracter da paizagem e as variantes ethnicas; dando-nos mesmo, de quando a quando, alguma tentativa de reconstrução historica, — em esboço a lapis ou a carvão que seja.

Em todo o caso, a exposição tem este anno um certo ar portuguez, que me captiva e enternece. Os artistas deram decididamente preferencia aos nossos campos, ás nossas praias, aos velhos solares meio derruïdos que ainda se encontram por essas provincias fóra, aos recantos mais deliciosamente cheios de pittoresco e de caracter das nossas antigas povoações historicas, aos claustros abandonados dos conventos extinctos, ás figuras mais ou menos typicas de diversos pontos da nossa terra.

É preciso, porém, que não se limitem a pintar em Portugal, mas que se esforcem por pintar em portuguez; isto é, por nos darem conta, com verdade e sentimento, de quanto no paiz tenha uma accentuação nacional mais profunda e evidente, de modo que, se porventura um de nós alguma hora visse em terra extranha um quadro portuguez, logo sentisse mais intensa e pungitiva a saudade do paiz natal, subito evocado pela realisção artistica, flagrantemente verdadeira e delicadamente sentida, de um dos aspectos mais característicos e inconfundíveis da sua vida ou da sua paizagem.

Na secção de *esculptura*, é que nos apparece uma composição figurativa de um successo da nossa historia: — um baixo-relevo de Motta, para o monumento a Affonso de Albuquerque.

O moço escultor compenetrrou-se bem da situação, estudou intelligentemente o effecto d'ella nos diversos personagens, e conseguiu dar-nos uma composição que impressiona e domina, que tem, sem duvida, alguma cousa do caracter synthetico das verdadeiras resurreições artisticas do passado.

Na secção de *architectura*, figuram vantajosamente o sr. Adães Bermudes, que completou ha pouco o seu curso na escola de Paris, e o sr. J. A. Soares, que foi alumno muito distincto da de Lisboa.

Não occultarei uma observação que me occorreu ao examinar os trabalhos dos dois intelligentes artistas:

Ao passo que os architectos se occupam em regra no estudo de grandes edificios monumentaes, inspirados geralmente n'algum dos estylos antigos, e destinados, na maior parte dos casos, a não passarem do papel, — o problema da construcção da casa moderna, tão difficil, tão complexo, de tão largo alcance, está quasi exclusivamente confiado a operarios, que um acaso da fortuna elevou á categoria de *mestres de obras*, e a quem falta absolutamente a forte educação especial que o myster de construir exige. Calcule-se o que seria actualmente Lisboa, se em todas as numerosissimas edificações que nos ultimos dez annos se têm levantado, houvesse influido, de modo decisivo, a alta competencia scientifica e esthetica, que simples praticos não podem evidentemente possuir!

Importa que os architectos se esforcem por eliminar a opinião corrente, de que só servem para traçar no papel complicados e dispendiosos planos.

Este anno, como nos passados, ha entre os concorrentes muitos professores de escolas industriaes, — portuguezas e estrangeiros, — e uma das secções da exposição é a de *arte applicada*. Pois bem: todos esses professores assignam quadros; nem um só apresenta qualquer composição de natureza decorativa, e na secção de *arte applicada*, vê-se apenas um simples *trabalho de paciencia*, que revela certamente um executante habilissimo, mas que é destituído por completo de significação artistica.

É necessario combater a todo o transe as preocupações academicas, que tendem a encerrar o artista na esphera da denominada *arte pura*; é necessario fazer passar pela industria uma forte corrente de arte, que a transforme e eleve; é necessario descobrir formulas decorativas, que originalisem os productos das nossas industrias, e os façam triumphar na concorrência dos mercados.

Como seria para desejar que a secção de arte applicada fosse de anno para anno denunciando uma convergencia cada vez mais poderosa de esforços dedicados e intelligentes, para a obra da renovação das nossas industrias de arte, mas renovação bem entendida, subordinada aos principios geraes, inilludíveis, da arte decorativa, inspirada n'aquelle alto exemplo de concordancia da forma com a materia e destino do objecto, e da decoração com a forma, que nos offerece, luminosamente, a arte purissima dos gregos!

* * *

Quer-me parecer que só n'uma exposição official seria possivel reunir todos os artistas. Ainda assim, o *Gremio* tem já podido organizar concursos muito mais completos e significativos do que este. Deus me livre, pois, de proclamar, á vista d'elle, que a nossa arte decêe, esmorece, como se a exposição d'esta primavera acaso encerrasse os mais concludentes e decisivos depoimentos de todos os nossos artistas, como se ella porventura fosse absolutamente representativa da nossa hodierna actividade artistica!

A verdade, é que podemos n'este momento contar com alguns trabalhadores da forma e da côr, que provadamente reúnem á mais fina susceptibilidade do sentimento uma poderosa educação technica, e que têm por vezes conseguido distinguir-se e triumphar, nos centros artisticos mais concorridos e mais cultos.

Assim o meio lhes não seja contrario! Assim o governo mostre comprehender que são verdadeiras medidas de *salvação publica*, do mais profundo alcance, da mais absoluta urgencia, e inteiramente compensadoras dos sacrificios que, porventura, de começo exijam, todas aquellas que tendam aos progressos artisticos; e assim a sociedade portugueza, — onde as cousas de arte vão felizmente suscitando algum interesse, — reconheça que, no meio das duvidas e incertezas que atormentam o espirito moderno, da fria aridez da vida contemporanea, da anarchia dos sentimentos e do conflicto das opiniões, a arte é o mais seguro refugio, a mais doce consolação, o mais poderoso elemento de concordia!



ARTE PORTUGUEZA



Photogr. de Camacho (Lisboa); phototyp. de E. Biel & C.ª (Porto).

1. D. EMILIA SANTOS BRAGA—*Penas de Amor*. 2. A. RAMALHO JUNIOR—*Retrato de Roque Gameiro* (pastel). 3. L. FREIRE—*Cabritos*. 4. J. VAZ—*Ao sol*. 5. A. A. DA COSTA MOTTA—*Baixo-relevo para o monumento a Affonso de Albuquerque*.
6. A. F. BAETA—*Paiçagem em Aguas Bellas (Ferreira do Zezere)*. 7. S. M. EL-REI—*No Alentejo* (estudo a oleo).
8. J. V. SALGADO—*Othello*. 9. L. BATTISTINI—*Sé-velha (Coimbra)*. 10. J. MALHOA—*A sesta*. 11. J. C. GALHARDO—*Ponte da Lavadeira (Freixial)*. 12. J. DE BRITO—*Scena de familia*. 13. J. MALHOA—*A Olinda do lagar*. 14. A. ROQUE GAMEIRO—*Velando* (aguarella).